



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 9 DE FEVEREIRO, DE 2026 - 21H00



Há filmes que parecem nascer de um gesto de liberdade quase juvenil, como se a câmara tivesse sido arrancada às convenções e atirada para a rua, ainda a rir. *Tirez sur le pianiste* é um desses raros objetos cinematográficos onde a leveza aparente encobre uma melancolia funda, e onde o jogo de géneros é menos um exercício de estilo do que uma forma de respirar.

À superfície, estamos perante um policial caprichoso, atravessado por ecos de série B americana, gangsters algo desajeitados e perseguições que parecem coreografadas com ironia. Mas seria um erro ficar por aí. O que verdadeiramente se impõe é a solidão de Charlie Kohler, esse pianista que toca num bar como quem se

esconde do mundo. Charlie Kohler não é um herói noir: é um homem ferido, encolhido dentro da própria timidez, prisioneiro de um passado que o filme vai revelando com a delicadeza de quem abre uma carta antiga.

A presença de Charles Aznavour é decisiva. Não como “estrela”, mas como corpo frágil, rosto onde passa uma sombra permanente de espanto. Ele traz ao filme uma humanidade desarmante, que contrasta com a violência quase burlesca dos acontecimentos. Quando a tragédia irrompe, não há grandiloquência: há apenas um homem que parece pedir desculpa por existir.

O que mais fascina é a forma como a encenação oscila entre o distanciamento lúdico e a emoção súbita. Uma conversa banal pode ser filmada como se fosse uma confidência amorosa; um momento dramático surge quebrado por um detalhe cómico. Esta instabilidade tonal não é exibicionismo: é a própria matéria da vida, onde o ridículo e o trágico caminham lado a lado. O filme, nesse sentido, é profundamente moderno; não porque queira ser, mas porque aceita a desordem dos sentimentos.

Há ainda a cidade, filmada sem aparato, como espaço de passagem, de encontros falhados, de amores que quase são. Nada aqui é definitivo, e talvez por isso a última impressão seja a de uma ternura amarga. O riso que o filme provoca fica-nos atravessado na garganta.

No fundo, esta obra lembra-nos que o cinema pode ser, ao mesmo tempo, jogo e confissão. E que, por trás da leveza, às vezes se esconde um dos retratos mais comoventes da fragilidade humana.





DISPAREM SOBRE O PIANISTA

Título original: Tirez sur le pianiste / Shoot the Piano Player

Realização: François Truffaut (França, 1960); Argumento: François Truffaut, Marcel Moussy, segundo romance Down There de David Goodis; Diálogos: François Truffaut; Produção: Pierre Braunberger; Música: Georges Delerue; Fotografia (p/b): Raoul Coutard; Montagem: Claudine Bouché, Cécile Decugis; Assistentes de realização: Francis Cognany, Robert Bober, Björn Johansen; Scripte: Suzanne Schiffman; Câmara: Claude Beausoleil; Produção de arte / Decoração: Jacques Mély; Maquilhagem: Jacqueline Pipard; Companhia de produção: Les Films de la Pléiade; Distribuição original: Les Films du Carrosse (FR) e Astor Pictures (EUA)

Com: Charles Aznavour (Charlie Koller / Édouard Saroyan), Marie Dubois (Léna), Nicole Berger (Thérèse Saroyan), Michèle Mercier (Clarisse), Serge Davri (Plyne), Claude Mansard (Momo), Daniel Boulanger (Ernest), Albert Rémy (Chico Saroyan), Jean-Jacques Aslanian (Richard Saroyan), Richard Kanayan (Fido Saroyan), Bobby Lapointe (o cantor), Catherine Lutz (Mammy), etc

Duração: 82 min; Classificação etária: M/16

Duração: 116 minutos; Distribuição em Portugal: Zon Lusomundo; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 4 de Maio de 1950.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 2026

CINEMA PORTUGUÊS Vol.III (entrada livre)

“O PALÁCIO DE CIDADÃOS”, de Rui Pires (2025)

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 23 DE FEVEREIRO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“O QUINTETO DE CORDAS”, de Alexander Mackendrick (1955)